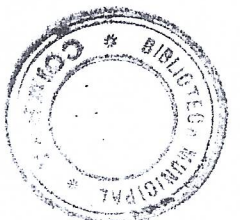
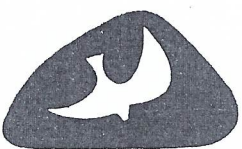


ILSE LOSA



GRADES BRANCAS



CANCIONEIRO
GERAL

CENTRO BIBLIOGRÁFICO
LISBOA
1951

ILSE LOSA * GRADES BRANCAS

1
8
49
1

DA AUTORA

PUBLICADO

O MUNDO EM QUE VIVI — *romance* — 2.^a edição (1951)

FAÍSCA CONTA A SUA HISTÓRIA — *novela infantil* (1949)

HISTÓRIAS QUASE ESQUECIDAS — *contos* (1950)

GRADES BRANÇAS — *poemas em prosa* (1951)

A SAIR

RIO SEM PONTE — *romance*

EM PREPARAÇÃO

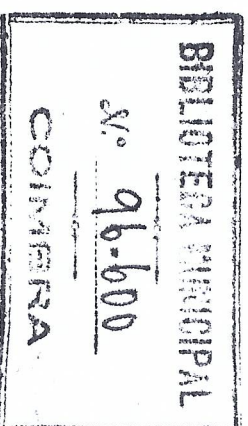
AS CRIANÇAS E NÓS — *um livro para os pais*

ESTE LIVRO É O NONO VOLUME
DO CANCIONEIRO GERAL, E DELE
SE FEZ UMA TIRAGEM ESPECIAL DE
40 EXEMPLARES NUMERADOS, EM
PAPEL L1, COM UM RETRATO E A
REPRODUÇÃO DE UM AUTÓGRAFO
DA AUTORA.

1 2 49 1

ILSE LOSA

GRADES BRANCAS



CENTRO BIBLIOGRÁFICO
LISBOA
1951

AO ARMÊNIO

GRADES BRANCAS

Na cidade estranha encontrei-te de novo. Os anos haviam embranquecido o teu cabelo. O teu olhar, outrora brilhante, estava cansado. Parámos e contemplámo-nos. As nossas palavras foram: «Tu aqui? E como estás? Gostas da cidade?» As frases soavam cerimoniosas, como as de conhecimentos superficiais. E com cortesia despedimo-nos.

O teu olhar cansado talvez percorra agora as ruas! Talvez gostasses de me encontrar novamente e perguntar: «És tu de facto»? E a nossa conversa então seria: «Ainda te lembras?...»

Ainda te lembras de quando as cerejeiras floresciam no monte da nossa terra e nós o

subíamos de mãos dadas? Como nos ríamos!
Por nada, pois eramos novos, quase crianças.
E os dias eram claros e azuis, doce o cheiro
das flores.

Ainda te lembras de quando estivemos
junto das grades brancas, na hora do cre-
púsculo? A nossa cidade estendia-se por
baixo de nós; as luzes cintilavam. Tomaste
a minha cara entre as mãos e beijaste-me
pela primeira vez.

Ainda te lembras de quando dançámos
naquela festa? De quando me apertaste con-
tra ti? O coração parecia despedaçar-se-me
numa felicidade suprema. Quem mais havia?
Viste tu os outros?

Ainda te lembras de quando num dia frio
fomos junto do túmulo da tua mãe? Deste-me
o anel estreito; era o juramento de fidelidade.

Ainda te lembras de quando nos quise-
ram separar? Porque tu eras da chamada
«raça superior», e eu uma criança condenada
por Deus? Esforçavas-te por não escutar essas
palavras, mas coravas de vergonha quando
os teus amigos nos surpreendiam.

Ainda te lembras de quando num dia es-
curo e chuvoso fomos mais uma vez junto
das grades brancas? Disse que tinha que
deixar-te. Olhaste com tristeza, mas não fa-
laste.

E o sonho findou.

E se tivéssemos perguntado um ao outro
na estranha cidade: «Ainda te lembras?»,
nada poderíamos ter reconquistado. Que o
teu olhar cansado percorra as ruas! Não há
um monte com cerejeiras em flor naquele
mundo, e a nossa cidade está em ruínas. Já
não cintilam as luzes na hora do crepúsculo.

E as grades brancas há muito foram arrancadas.

Só os pensamentos amam o sonho. Só eles podem perguntar: «Ainda te lembras?...»

LILAZES

Passou uma mulher com um ramo de lilazes.

São raros os lilazes nesta cidade. Mas na minha terra havia muitos na Primavera. Abundavam nos parques verdes, caíam em pesados cachos sobre os muros à beira das estradas; e o seu cheiro doce vogava por toda a parte.

Floresciam lilazes no jardim: de cores suaves, escuros e claros. Eramos crianças e arrancávamos as tacinhas para chupar o delicioso sumo. Mas nossa mãe dizia que os lilazes eram belos demais para tão cruelmente se desfolharem. Replicávamos que as abelhas

também bebiam as gotas daquelas tacinhas frágeis.

Então nossa mãe sorria com meiguice:
«Mas não sois abelhas, pois não me dais mel.»

Colhia os cachos fartos e pendentes. Os lilazes escuros e claros resplendiam nas largas jarras de cristal; e o cheiro doce também enchia a nossa casa. A luz muito branca rompia pelas janelas abertas, e uma íntima alegria se apoderava de todos nós.

Era assim, em tempos, a Primavera na minha terra, quando havia muitos lilazes de cores suaves e de cheiro doce.

NENÚFARES

Recordais-vos, meus irmãos, da lagoa escondida, onde sonhavam nenúfares brancos e cor-de-rosa? As árvores que se erguiam em redor como uma muralha coavam a luz, e o chão estava coberto de musgo verde. O ar levemente húmido e fresco, o aroma pesado da água estagnada — recordais-vos, meus irmãos?

Recordais-vos daquele dia em que a mãe tentou colher uma dessas flores que boiavam sobre a lagoa? Estendeu o braço; a mão delgada e branca alcançava um nenúfar cor-de-rosa. Neste momento soltou-se-lhe o cabelo, rolando em ondas escuras e largas pelas costas abaixo. A nossa conversa emudeceu; olhámos para a mãe.

Recordais-vos do seu rosto de pele clara,
do vestido cinzento de um cair mole; da sua
mão branca a alcançar o nenúfar cor-de-
-rosa?

A mãe cortou a flor da lagoa. Recordais-
-vos de como sorria estendendo-a para nós?

E não suspeitávamos naquele momento
que ódio e injustiça viriam em breve ensom-
brar e destruir o encanto da sua beleza.

DEVANEIO

É como se eu visse um homem de ca-
belo branco na cadeira de espaldar e uma
menina a encostar com meiguice a cabecinha
loira no seu regaço. No olhar do velho fala a
ternura, e um leve sorriso brinca nos cantos
da sua boca.

É como se eu visse uma chama rubra a
reflectir-se na parede muito clara; dalias
roxas que dormem na jarra de porcelana e,
esquecido sobre a borda dum cinzeiro, o
cachimbo de barro cinzento.

É como se eu ouvisse harmonias brandas
dum piano a misturarem-se com o crepitar
da lenha e a voz pesada e lenta do velho:
«Era uma vez...»

FELIZ ANO NOVO!

Era noite. A lua brilhava sobre a neve.

Depressa e encolhido, como se o medo o dominasse, ia um homem sózinho pela rua.

Havia algum tempo que o odiavam, acusando-o de pertencer a uma raça inferior e maldita.

Por isso sabia que lhe fariam mal se o encontrassem solitário na noite vasta e fria.

Homens viravam a esquina. Cantavam. Berravam. Saudaram-no alegremente: «Feliz Ano Novo!»

Erguen a cabeça, admirado e com singular angústia no olhar. Outros grupos vieram, de braço dado. A cantarolar. A bradar: «Feliz Ano Novo!»

E os sinos tocavam por toda a parte; ao longe havia música.

Então o homem endireitou-se, riu e rejubilou: «Feliz Ano Novo!»

Ao entrar em casa anunciou: «Os homens são bons outra vez.» E os filhos palraram, bateram palmas de satisfação. Só a mulher não falou...

*

O dia de Ano Novo rompeu com uma luz cinzenta e a neve muito branca a cair sem cessar.

O homem ia de cabeça erguida. Cessara o ódio injusto...

Como na noite anterior passaram grupos. Saudou-os então, com a esperança no olhar.

...Feliz Ano Novo...

*

Um homem derrubado contra o passeio. Um fio escarlata a escorrer pela neve. Flocos que caem sobre um corpo hirtó e lhe tecem bondosamente um manto branco e gelado.

Ao longe música... E os sinos a tocar por toda a parte.

Feliz Ano Novo!

PENSAVA EM MEU IRMÃO

Quando a luz tímida anunciava o novo dia, pensava em meu irmão. Imaginava-o a olhar o nascer do sol através do postigo gradeado. Parecia-me vê-lo estremecer ao lembrar-se do tormento que o esperava. E eu sabia que os seus olhos escuros estavam cheios de tristeza e de saudade.

Quando à hora do almoço me juntava aos meus na nossa casa, pensava em meu irmão. Imaginava-o dobrado sobre a tijela grossa, comendo o magro rancho sem gosto. Parecia-me ouvir o berro brutal do guarda para que ele se apressasse. E eu sabia que as suas mãos largas se fechavam num gesto de revolta.

Quando à tardinha a chama da lareira nos aquecia amigavelmente, pensava em meu irmão. Imaginava-o arrepiado de frio na cela sombria e gelada. Parecia-me ver o seu rosto pálido, as mãos que o ar áspero e cortante tornara rígidas. E eu sabia que cerrava os dentes para não gritar o seu ódio surdo.

Quando na noite negra e triste estava estendida no leito, pensava em meu irmão. Imaginava-o na tábua húmida e dura, que não dava descanso ao seu corpo dorido. Parecia-me que o meu quarto se enchia dos gemidos abafados nas mãos regeladas. E eu sabia que as suas lágrimas quentes caíam amargamente como as minhas.

E, pela noite lúgubre, comunicava-lhe: «Sê forte, meu irmão! Não tarda que as nossas mãos se unam de novo! Não tarda que o sol se levante também para ti e que as tuas lágrimas se acabem. Há-de viver, meu irmão!»

Os meus pensamentos, penetrando a noite escura, alcançavam meu irmão; fechavam-lhe os olhos ardentes como uma mão subtil e fresca. E então o sonho, com as imagens de tempos idos, envolvia no seu manto caridoso, por umas curtas horas, meu pobre irmão.

PRANTO EM BUCHENWALD

Olho as tuas mãos e choro. As mãos que outrora passavam sobre o meu cabelo e com imensa ternura acariciavam o meu corpo; que ao de leve brincavam com os caracóis da nossa menina e pousavam cheias de serenidade na cabeça do nosso filho. As tuas mãos, que, ao chegar da noite calma, descansavam no meu peito.

As tuas mãos, belas e pacíficas. Como neste inferno de horrores se torciam no desespero, se juntavam na oração. Como dia após dia sangravam cada vez mais com o pesado trabalho... sem utilidade.

E agora estas mãos sem vida...

Olho as tuas mãos e choro. Choro o amor que foi meu um dia e a ternura desvanecida. Choro os tempos longínquos e perdidos em que havia paz e felicidade.

Soluços e gritos à minha volta. Todos choram os seus mortos e a sua amarga miséria. Não sobre a ninguém uma lágrima para a minha dor, nem uma única palavra de consolo.

As tuas mãos, frias e mortas. As minhas lágrimas quentes e vivas. E vivos os brutos que com as suas torturas te feriram! Vivas essas malditas mãos que te mataram!

Olho as tuas mãos e choro...

Há séculos anunciaram-nos a justiça, faram-nos dum Deus que reinava em templos e castigava os maus.

Que é desse Deus poderoso ?!

Que é dessa justiça prometida ?!

Tudo frio e morto... Como as tuas mãos.

1 DE SETEMBRO DE 1939

A Gretchen Wohlwill

Era a hora do crepúsculo, a hora em que eu gostava de sentir a calma da paisagem dos montes. Após a minha vinda, nestes dois meses de convalescência, essa calma trouxera paz ao meu espírito e saúde ao meu corpo. Os pulmões respiravam sem receio, as mãos tinham perdido a cor branca de cera que tanto horror me causara.

A esta hora crepuscular, vinha de longe o meu passado. E era então que recordava outros momentos de angústia e dor, que sentia a saudade e o desejo de viver.

Era esta a hora em que pensava em mil coisas, em que revivia as minhas alegrias e decepções. Era esta a minha hora.

Imensa calma. Nenhuma folha bulia. Os tons verdes, vermelhos e castanhos entranchavam-se na encosta. No jardim a água do repuxo murmurava; floresciam as rosas e as dalias. De tempos a tempos, chegavam até mim gargalhadas de crianças.

Agora o céu vestia-se de púrpura, sua cor de despedida. Mais um dia que ia findar como os outros, mais um dia de tranqüilidade e repouso.

Passava o jardineiro. Viu-me e gritou: Guerra! Os alemães entraram na Polónia. A guerra começou!

Em volta, a mesma calma crepuscular. As folhas não buliam, e os tons verdes, vermelhos e castanhos entranchavam-se na encosta. No jardim murmurava a água do repuxo; floresciam as rosas e as dalias. E de novo gargalhadas de crianças chegaram até mim.

Mas sangravam homens em qualquer parte! Em qualquer parte sofriam crianças! Gritos de dor retumbavam e o choro penetrava no ar. Milhares de pulmões deixariam de respirar; milhares de mãos ganhariam essa cor branca de cera que tanto horror me causara.

O sol desapareceu. O dia morreu na sua calma habitual.

Mas a palavra ficou. Encheu a noite.

Guerra!!

UMA HISTÓRIA QUE NINGUÉM CONTA

Era uma vez um jovem casal num país do Norte, de florestas densas e doces canções: Rute e Samuel. Numa casinha branca à beira da rua, vivia tranquilo e feliz.

Num dia luminoso de Primavera, Rute desceu ao jardim. Brotavam flores, e aroma de mel enchia o ar. Foi então que a jovem mulher abriu os braços e suplicou: «Senhor, dai-me um filho meu!»

E quando no jardim as árvores se cobriam de fria neve e já não brotava flor nenhuma, o desejo era-lhe cumprido. Samuel abençoou o filho que nascera nesse dia de Inverno e Rute chorou lágrimas de alegria: «Graças, meu Senhor!»

O menino cresceu, belo e forte; chamaram-no Daniel. De dia saltava como um cabrito no monte e brincava com as flores e a graminha verde. E quando descia a noite sobre a terra, sorriam-lhe as estrelas.

Porém aconteceu que rumor de botas chegou a rua. O pequeno Daniel correu à janela e pôs os olhos muito abertos naqueles homens a marchar. No rosto de Samuel liam-se cuidados e Rute apertava o filho contra o peito: «Senhor, não vos esqueçais do meu menino!»

Vieram buscar Samuel. E o menino perguntou: «Porque é que levam o meu pai?» Ninguém respondeu à pergunta infantil, mas Rute chorou lágrimas de dor e desespero.

Esperaram... Dias após dias... Noites após noites... Samuel não voltou.

Aconteceu então que as botas de novo se

aproximaram da porta e que uma voz áspera
bradou sem piedade: «Preparem-se para uma
viagem amanhã!» E o menino perguntou:
«Onde vamos amanhã?» Ninguém respon-
deu à pergunta infantil, mas Rute apertou a
criança contra o peito e suplicou: «Senhor!
Salvai o meu pobre menino!»

Seguiram a viagem fúnebre. As árvores
estavam cobertas de fria neve e não bro-
tava flor nenhuma. Rute ergueu o menino para
o céu imóvel e clamou: «Senhor, porque é
que nos abandonaste?»

Dias após dias... Noites após noites...
Mãe e filho não voltaram mais.

E no país do Norte, as densas florestas
murmuram lendas, as canções doces falam
dos feitos alegres e tristes. Mas nem as flo-
restas nem as canções contam a história de
Rute e Samuel e do seu lindo menino.

DIA CINZENTO

O dia cinzento, o apito do comboio, o
funeral que ainda há pouco se arrastava em
frente da minha janela... Foi isto, talvez, que
me fez pensar em ti.

Foi num dia assim que te encontrei. As
hordas bárbaras, então poderosas, estrondea-
vam pelas ruas. Estendiam-se milhares de
braços; era a nova saudação.

Impassível, tu assistias. E os meus olhos
encontraram os teus, escuros e tristes.

Rompemos a multidão, escapámo-nos por
essa rua estreita que levava ao rio, e quando
chegámos acima da ponte já tudo era tran-
quilidade.

Mas o dia era cinzento.

Espesso nevoeiro cobria o rio. Saudosa e lenta vinha até nós uma canção. Cantava-a alguém alheio ao mundo de violência.

E as nossas mãos uniram-se.

Sim, foi esse o dia em que te encontrei.

Mas não tardou o outro em que tiveste de fugir às garras dos bárbaros. Estivemos em frente do comboio. Não falávamos, e tanto havia a dizer. Porém a dor cerrava as nossas bocas e abafava as palavras nos corações.

Mais uma vez abraçaram-me os teus olhos, escuros e tristes.

E então o apito do comboio...

Veio depois a carta de tarja negra; as

tuas últimas palavras que uma boa alma me transmitiu.

E hoje, num dia cinzento em que o funeral se arrastou em frente da minha janela, tenho de pensar em ti.

O NOSSO AMIGO MORTO

A Dora

Nessa rua de antigos solares com persianas fechadas, nessa rua de jardins cercados por muros hostis, há uma magnólia em flor atrás duma grade de ferro.

Ao olhar os botões muito brancos, graciosos e subtis, não posso deixar de pensar no nosso amigo morto.

Todas as tardes ia a passo lento, com o corpo esgalgado, o cabelo grisalho, as rugas a sulcarem-lhe o rosto pálido, por essa rua orgulhosa. Parava em frente das grades; contemplava absorto aquelas flores tão brancas e sorria-lhes como numa saudação silenciosa.

A guerra sangrenta que os homens tinham desencadeado fizera-o perder o seu país; os filhos erravam em terras longínquas. E não raras vezes brilhava nos olhos bondosos o reflexo da doença traiçoeira.

Mas a magnólia com as flores parecia chamá-lo todas as tardes. Sorrindo, saudava-a como a uma pessoa querida.

O nosso velho amigo morreu.

Ainda há homens a errar de país para país; outros querem desencadear nova guerra.

E nessa rua de antigos solares com persianas fechadas, de jardins cercados por muros hostis, brotām as flores da magnólia cada ano. E eu ao vê-las, muito brancas e subtis, não posso deixar de pensar no nosso amigo morto.

SONHO DESFEITO

A Alves Redol

Pensava nos lugares da infância. Sonhava com atalhos nas searas vastas, com casinhas brancas e cravos rubros. Lembra-va companheiros alegres, risadas francas. E ainda lhe parecia sentir o aroma das velhas tílias em flor.

Resolveu ir em busca do passado...
E regressou.

Nas searas devastadas não se distinguam já os atalhos. Onde outrora alvejam casas, choravam crianças sobre ruínas. E cinza cobria a terra onde cravos rubros tinham florido.

Bateu, à porta dos velhos companheiros mas os companheiros não o reconheceram. E as suas risadas tinham-se transformado em lamentações.

Era fúnebre o aroma das tílias em flor; apressou o passo para não o respirar.

Viu que sonhara com uma felicidade perdida há muito e que o sofrimento se erguia das cinzas frias, como uma mulher vestida de negro.

E sobre as ruínas do seu sonho caíram lágrimas de luto.

NÃO POSSO ESQUECER AQUELE DIA

À Maria Keil

Não, eu não posso esquecer aquele dia em que julguei que por uma moeda a Primavera seria toda minha.

La por um caminho onde a luz era clara, o ar puro, frescos os tons dos verdes; onde os aromas das mimosas e violetas se confundiam na sua doçura. Onde sobre o ribeirão de água límpida havia a graça duma estreita ponte. Onde se não ouvia mais do que o canto dos pássaros.

Sonhava com a beleza da Primavera, respirava fundo e sentia-me feliz.

Mas de súbito o meu olhar esbarrou nuns olhos grandes e tristes; olhos que eram dum

rosto miúdo e pálido, dum magro corpo doentio. E o olhar fixou-se num vestidinho roto, numas mãos pequenas e infantis.

Os meus sonhos foram interrompidos. Irritada, porque aquilo cruelmente me acordou, pus uma moeda nessas mãos e bradei: «Vai com Deus!»

O corpo magro, o rosto miúdo e pálido desapareceram da paisagem primaveril.

A luz era clara, frescos os tons dos verdes; a água do ribeirão, límpida. E só se ouvia o canto dos pássaros. Nada disso porém me fazia já sonhar, não bastava para eu me sentir feliz. Atrás das mimosas doiradas, das violetas azuis, havia agora milhões de rostos miúdos e olhos tristes; torciam-se numa dor sem fim milhões de mãos pequenas e infantis.

Enganei-me quando julguei que por uma moeda a Primavera seria toda minha.

PENSAMENTO DUMA MÃE

Contra a serra íngreme, estendida a cidade:
Murallas, torres, cúpulas.

Mar de pedras insensíveis...

E não posso pensar senão em ti,
meu filho,
que dentro dessa imensidade fria
ris, choras, sonhas...

A ALEXANDRA

Vinhas a descer os degraus do jardim.
Trazias o teu vestido branco e um avental
azul de alças cruzadas.

Num braço seguravas a velha boneca de
pau; no outro um cestinho com folhas da
sebe.

Ao de leve inclinavas a cabeça, como se
estivesse a escutar uma história.

Os raios do sol brincavam no teu cabelo.
E nos olhos límpidos vivia um sonho.

Era assim que vinhas a descer os degraus
do jardim.

Não me vias.

Um desejo ardente dominou então os
meus pensamentos :

Que não surgissem vozes rudes a destruir
sem piedade esse sonho que vivia nos teus
olhos.

À MARGARIDA

Os olhinhos muito abertos, batendo as
pequenas mãos, rejubilas : « O mundo é tão
lindo ! Tem tantas cores ! Azul, verde, ama-
relo, vermelho... »

E eu, acariciando-te com ternura os cara-
cóis, sei que os teus olhos, quando perderem
o espanto infantil, se hão-de entristecer com
os cinzentos e os negros que o mundo tam-
bém tem.

TU E AS VIOLETAS

Quando a porta se abriu, eras tu que vinhas. Eras tu que vinhas com violetas na mão. Trazias cristal nos olhos e oiro no cabelo. Abandonaste as violetas sobre a mesa e disseste: «Para ti, mãezinha.» Tomei o teu rosto miúdo entre as mãos e espelhei-me no cristal dos teus olhos. Mas um sorriso irrompeu nos teus olhos e, brincalhão, estilhaçou o meu espelho. Beijeí o oiro do teu cabelo. Mas o sol saltou para o teu cabelo e, dia-brete, pôs-se a dançar sobre o oiro. Depois correste para a porta. Mas ficou a graça do teu sorriso, o calor do teu sol. E as minhas mãos afagaram as violetas que me tinhas deixado.

CÂNTICO DA MULHER GRÁVIDA

Mexes-te no meu ventre. Estarás satisfeito ou impaciente, meu filho? Quem me dera saber!

Serás belo, belo como o teu pai. Terás o corpo esbelto como os pinheiros nos montes e os olhos meigos como as corças na floresta.

A tua bondade será cristalina como a água das fontes e a tua inteligência vigorosa como a brisa que vem do mar.

Mas ai! se não fores perfeito?... Ai! se te faltarem as mãos, um braço, ou a luz dos olhos?... Ai! se te olharem com desprezo ou com fúrida piedade...

Chorarei então, meu filho, mas amar-te-ei
ainda mais. O meu coração só velará por ti
e encontrará sempre palavras para te con-
fortar.

Plantei no meu jardim macieiras, pesse-
gueiros, graminha verde, flores garidas.

Procurei enfeites de cor e de alegria; aga-
salhos macios, tecidos leves e transparentes.

Meu filho, como eu te amo já! Como
quero a tua felicidade! Hei-de ensinar-te lin-
dos versos; inventar histórias maravilhosas
e embalar-te com as mais doces canções.

Doem-me os seios! Dor abençoada! É o
leite que tu beberás!

Brilha, sol! Abri-vos, rosas! Macieiras,
pessegueiros, árvores todas do meu jardim,
flori!

Pássaros, cantai! Rasgai a terra, águas
das fontes! Alma, coração, rejubilai!

O meu filho vai nascer!

INDICE

ÍNDICE

Grades brancas	Pág. 11
Lilazes	15
Nenúfares,	17
Devaneio	19
Feliz Ano Novo!	20
Pensava em meu irmão	23
Pranto em Buchenwald	26
1 de Setembro de 1939	29
Uma história que ninguém conta . .	32
Dia cinzento	35
O nosso amigo morto	38
Sonho desfeito	40
Não posso esquecer aquele dia . .	42
Pensamento duma mãe	44

À Alexandra	45
À Margarida	47
Tu e as violetas	48
Cântico da mulher grávida	49

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO
E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA
IDEAL, CALÇADA DE S. FRAN-
CISCO, N.ºs 13 E 13-A, EM LISBOA,
EM OUTUBRO DE 1931